

JOÃO PEDRO PORTO A FUNDO, NA RAIZ DO HUMANO

JOÃO PEDRO PORTO IN DEPTH, AT THE ROOT OF THE HUMAN

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i25p279-293>

Susana L. M. Antunes¹

RESUMO

Entrevista com o escritor açoriano João Pedro Porto que este ano assinala uma década desde que publicou o seu primeiro livro. Para além de escritor, João Pedro Porto exerce a profissão de psicoterapeuta.

PALAVRAS-CHAVE

João Pedro Porto; Literatura; Psicoterapia.

ABSTRACT

Interview with Azorean writer João Pedro Porto in the year that marks a decade since he published his first book. In addition to being a writer, João Pedro Porto is a psychotherapist.

KEYWORDS

João Pedro Porto; Literature; Psychotherapy.

O PRIMEIRO ENCONTRO (EM BREVIDADE)

Conheci o João Pedro Porto há mais de vinte anos. Na altura, eu estava a estagiar na Escola Secundária Domingos Rebelo, Ponta Delgada, São Miguel – Açores, para concluir a minha licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Português e Francês, via ensino. O João Pedro Porto era aluno de Português de uma colega minha. Ele deveria ter uns 16 anos. Como estávamos todas a estagiar, era obrigatório assistirmos às aulas umas das outras para partilharmos opiniões com as supervisoras.

No entanto, fora destas formalidades, falávamos sobre os nossos alunos. Afinal, era a nossa primeira experiência no ensino e o nosso entusiasmo era o entusiasmo inerente a todas “as primeiras vezes” da vida. Foi durante estes momentos que a perspicácia e a inteligência calada de João Pedro Porto começou a ser notada pela professora e por todas nós. Na

¹ Universidade de Wisconsin, Milwaukee, EUA.

que me empurra para o simbólico e para o surreal. Mas antes disso já me achava kafkiano o quanto bastasse. N'O *Rochedo que Chorou*, um psicoterapeuta transforma-se literalmente numa ilha, contrariando a frase canónica de John Donne. Não creio que a minha escrita fosse a mesma se não tivesse lido Freud, Jung ou Lacan. Mas talvez possa dizer o mesmo quanto a muitos, muitos outros autores.

SLMA: Quando afirma que “passamos a adulticidade a replicar ou tentar resolver a infância”, é a voz do psicólogo clínico João Pedro Porto que ouvimos? Como se vê: psicoterapeuta-escritor ou escritor-psicoterapeuta?

JPP: Por esta altura já não há distinção entre partes. O clínico fundiu-se ao escritor e a todas as outras partes. Isso seria como perguntar se a voz agora é a do homem ou da criança, que hoje são o mesmo, um tentando reconciliar-se ou adaptar-se ao outro. Um tentando, inclusive, resolver o outro.

SLMA: Curiosamente, na sua primeira resposta, afirma que a psicoterapia lhe permite “colocar um ouvido rente ao chão do mundo”. Sente que necessita de ser trazido à realidade também para escrever? Considera-se, por isso, um “escritor-eremita”?

JPP: O eremitério tem apenas que ver com a tendência a rodear-me de fontes de informação. Perco-me nelas, nesse buraco Carrollino com muita facilidade, atrás do coelho branco, sentindo o mesmo atraso que ele. Sinto sempre que não sei o suficiente e que muito falta, e que pouco tempo resta nos comenos curtos da vida. A realidade faz parte necessariamente da vida, e o retorno é um dos seus maiores temas. Distanciar-me dela em demasia seria sinónimo de perdição, de psicose. Creio-me demasiado neurotizado para isso. E tenho encontrado múltiplas formas de exercícios para o equilíbrio, físico e mental. O dia começa sempre com pesos livres, em busca do sol e aço do Yukio Mishima, e, portanto, de um trabalho do domínio da carne, longe das palavras e do efeito corrosivo que têm sobre a realidade; depois algumas horas de escrita, e só depois me dou às horas clínicas. Mas a dada altura perde-se o equilíbrio e toca-se piano ou escreve-se pela noite dentro. A primeira hipótese, sendo a mais desconfortável para os vizinhos.

literatura sempre houve um fascínio pela doença e pelo doentio, no romance victoriano de deformidades monstruosas, nas distopias, no relato particular... Ocorre-me, por exemplo, *A Morte de Ivan Ilyich*, de Tolstoy, em que o personagem principal cai, magoa-se e assim inicia uma contenda com a sua própria mortalidade e com a elisão que a doença vai fazendo cair sobre a vida. Ou ainda a criação de doenças fictícias, como n'*O Último Homem* de Mary Shelley, um dos primeiros romances sobre pandemias, ou n'*A Máscara da Morte Vermelha*, de Edgar Allan Poe. Sem esquecer o fabuloso *A Peste*, de Camus.

SLMA: De que forma esta ligação pode esclarecer/ajudar os leitores?

JPP: Não creio que a literatura tenha forçosamente de ajudar ou esclarecer – a literatura ficcional, digo – mas se o fizer, creio que por identificação, empatia com a superação ou com o próprio sofrimento. Repare que uma narrativa sobre libertação, um *Conde de Monte Cristo*, por exemplo, pode fazer maravilhas por alguém que precise de superar uma situação de patologia, ainda que não haja uma correlação directa, salvo pelo tema escapista. Tenho pacientes fóbicos que encontraram um conforto tremendo na alegoria do poço no livro *Homens imprudentemente poéticos* do Valter Hugo Mãe. Outros que empatizaram assustadoramente com Jean-Dominique Bauby, no seu *O Escafandro e a Borboleta*. O modo como a literatura nos atinge é quase tão imprevisível quanto a nossa relação com a doença.

SLMA: Recomenda leituras aos seus pacientes?

JPP: O conselho e a recomendação são as armas mais perigosas da humanidade, e em terapia deixo-as para os comportamentalistas e para a sua escola mais pragmática e capitalizável. Recomendo a leitura, sim. Leituras, não, pois nesta tão era de tão acessível informação, acredito que a procura e a escolha são as ferramentas a cultivar nos pacientes e nas pessoas em geral. Uso, claro, todo o material projectivo que me tragam, com total isenção de julgamento, isso sim é próprio deontologicamente. Se pudesse recomendar um Thomas Mann, uma *Montanha Mágica* ou um *Morte em Veneza*, nas vertentes da patologia psicossocial e fisiológica, fá-lo-ia. Recomendaria Saramago sem qualquer pudor, Claudio Magris, Umberto Eco, Jorge Luís Borges, Kafka, Calvino, Camus, Verne, ..., até Boris Vian.

Mas nunca em contexto terapêutico, a não ser que, à partida, fosse o paciente a trazer todo esse conteúdo como parte já do seu fantasmagórico.

SLMA: Da sua experiência, os relatos sobre doença são, regra geral, baseados em casos reais?

JPP: Não necessariamente, *pero que las hay las hay*. A sublimação, por vezes, é a do escritor. Muitas vezes a narrativa é a ferramenta de quem escreveu e, só depois, do leitor. A psicoterapia, devidamente feita, com um olho na contratransferência e o outro na dança orgânica e analítica das palavras, é o mesmo. Um processo a dois, com convidados evocados pela memória e tratados na relação.

SLMA: Refere na resposta anterior que “A psicoterapia, devidamente feita, com um olho na contratransferência e o outro na dança orgânica e analítica das palavras, é o mesmo.” Quer explicar esta ideia, aprofundando as noções de contratransferência, dança orgânica e analítica das palavras?

JPP: Dito de uma maneira simples ou até demasiado simplória: somos criaturas relacionais, que se criam na relação e se reinventam na relação. É essa a nossa essência. Construimo-nos com o outro à medida que construímos o outro. É essa a dança orgânica, e a linguagem é pincel e cinzel nesse trabalho. A acção terapêutica cuidada é feita com as mesmas ferramentas e com os mesmo passos de dança. Ainda hoje creio que a psicoterapia tem mais de arte do que de ciência por essa mesma razão, porque nem todos sabem bem dançar, ou usar o pincel e o cinzel.

SLMA: Refere que nada lhe é mais pessoal e íntimo do que os *Contos Bizarros*. Por quê?

JPP: Porque são explorações de temas que me são muito particulares, escritos numa altura em que baixei aquela guarda reservada para nos escondermos, ou escondermos o que sentimos. E porque uns foram escritos em inglês e traduzidos para o português e vice-versa, o que acabou por lhes dar uma maior veracidade. Gostava de, um dia, fazer o mesmo com o francês, escrevendo nas três línguas em simultâneo. Creio que isso acaba por colorir o conjunto com cores mais próximas de uma verdade. E acredito

e até comercial, mas também para aquela cujo ímpeto é o artístico e o experimental. O que me dizem com maior recorrência é que devo simplificar mais a escrita, mas isso mudaria por completo a sua musicalidade e as imagens que conjuro. Pelo menos defendo-me dessa ideia com esta racionalização, talvez por não gostar de escrever de outro modo. E, como disse, não subscrevo à escola que diz da arte ser labuta dolorosa. Para mim, pelo menos, arte é prazer e sublimação. Nos meus primeiros dois romances, a poesia e os desenhos intercalavam e faziam avançar a prosa; no terceiro, a narrativa era cortada por intertextualidades teatrais; *A Brecha* é cortada por uma peça de teatro inteira, e acaba com um poema épico que reconta toda a estória; em *Alienação*, os capítulos são polvilhados com um género de pequenos textos poéticos. E a maior parte das ilustrações das capas nasceu de rabiscos meus. O primeiro romance tinha inclusive uma peça musical acompanhante, mas essa ficou para a gaveta do esquecimento. E para cada conto faço questão de rabiscar qualquer coisa que, geralmente, depois destruo. O acto de destruição deve também acompanhar a construção, é saudável que assim o seja.

SLMA: O que refere acerca da interseção que nomeia nos seus livros *A Brecha* e *Alienação*, remete-me para uma afirmação sua recente, afirmando que não acredita em géneros literários. Quer explicar esta ideia?

JPP: As ideias de método ou género incomodam-me porque fazem-me pensar em pintura por números ou em puzzles, e isso terá pouco a ver com o processo criativo e mais com truques que possibilitam a reprodução. Criação e reprodução são o mesmo apenas na biologia. Quem se confina a géneros literários e a rótulos não escreve, circunscreve. Limita e enclausura-se. E, se pensar muito nisso, chegarei à conclusão que nunca escrevi romances, mas sim vários conjunto de contos a que chamei capítulos, e que nunca escrevi contos, senão resumos organicamente diminuídos de possíveis romances. E que os meus poemas são aforismos, ou exercícios de lógica que tentam ter também alguma beleza. E que o excesso de didascálias nas peças faz com que sejam apenas textos dramáticos. E que as letras musicais não passam de poemas sem sequer sombra de estrutura. E que, portanto, nunca escrevi coisas com rótulos, nem romances, nem contos, nem poemas, ..., nada. Talvez tenha escrito desenhos, e desenhado escritos. E espero ter conseguido fazer música de todos.

SLMA: A propósito d' *O Rochedo que Chorou*, Fernando Guimarães afirma que: “a escrita de João Pedro Porto dá-nos uma visão desassomburada da condição humana”¹. De que forma o preocupa a condição humana e a (des)humana condição?

JPP: Preocupa-me do modo que nos deve preocupar a todos: muitíssimo. Mais do que nunca, numa altura em que mal acompanhamos a velocidade da mudança, devemos ter essa díade temática sobre a proverbial mesa. Creio que toda a arte dirá algo sobre a condição humana e a sua desumana condição. É essa a condição redundante da expressão humana, mas que não é de todo redundante no seu entendimento. Será *sine qua non*. Pensemos, por exemplo, em evitar escrever sobre a condição humana, e veremos se é possível. Não creio. Lá estaremos em tudo projectados. Pensemos agora em evitar escrever sobre o sofrimento. A peça sairá satírica e, portanto, contra si mesma e a favor do tema evitado. Não há escapatória. Assim como não devemos escapar à preocupação que isso carrega.

SLMA: Como foi a experiência de ter trabalhado com Pedro Lucas e Carlos Medeiros, escrevendo as letras para os álbuns *Terra do Corpo e Sol de Março*?

JPP: Foi transformadora, no mínimo. Mudou em muito a sonoridade da minha escrita. Descobri-me um incontornável amante das aliterações e um alérgico à rima. E colocou-me em maior contacto com os meus temas: o tempo, a solidão, as pulsões, o descobrimento, a epopeia, ..., todos cristalizaram de tal maneira que me é difícil fugir deles agora, se alguma vez o foi fácil. Trabalhar com o Pedro Lucas tem sido recorrente na sua necessidade, pois encontrámos uma dinâmica que nos permite não parar o fluxo criativo, fazendo-nos dar um empuxo mútuo em épocas dadas ao relantio. E vê-los a actuar, em concertos de pequena e grande dimensão, foi formidável. Sentir toda uma multidão a entoar ou a reverberar ao ritmo da música e das palavras, foi uma das melhores experiências.

SLMA: Açoriano, de formação académica feita fora dos Açores, mas regressado a São Miguel onde a sua escrita tem sido produzida. Escreve

¹ Disponível em: <http://partimonio.blogspot.com/2011/11/acerca-de-o-rochedo-que-chorou.html>.

em cenários açorianos, mas também em cenários externos aos Açores. Sente-se das ilhas?

JPP: Nunca fui particularmente regionalista. E o meu desejo de viver o mundo eventualmente foi saciado em inúmeras viagens, sozinho e acompanhado, pelas terras que mais me pareciam falar ao coração. Mais falantes, nesse sentido, do que as minhas. Claro que o tema do regresso importa-me, e é local. Mas procuro não escrever cenários circunscritos a uma geografia, e se o faço, aquela geografia é extremamente ficcionada, quase ao ponto do realismo mágico, ou até mesmo do surrealismo. Sinto-me das ilhas como me sinto do mundo. Às vezes sinto-me também do meu mundo ficcional, mas suponho que é para isso que ele existe.

SLMA: De que forma a ilha está presente na sua escrita?

JPP: A ilha está presente na escrita de todo o escritor, seja este oriundo de um deserto e nunca tenha visto o mar, ou tenha nascido no meio do Pacífico. A ilha é uma imagem de solidão no vasto vazio, e isso é-nos comum a todos, mais ainda desde que a terra foi vista do espaço. Dito isto, no primeiro livro que publiquei, o terapeuta era uma ilha, no segundo vivia-se num arquipélago, no terceiro, Lisboa era um conjunto de sete ilhas e não de colinas... e por aí afora, por isso ser-me-ia pretensioso negar que esse tema, que para mim está no cerne de toda a humanidade, não está presente nos meus escritos.

SLMA: Sente-se “Sísifo com a ilha em si e aos ombros”, parafraseando o título de Vamberto Freitas ainda a propósito d’*O Rochedo que Chorou*²?

JPP: É uma frase fabulosa. Serei Sísifo de muitas maneiras, creio. Essa, uma. Mas há-que imaginar Sísifo feliz, parafraseando Camus. Todos carregamos coisas aos ombros, nem que seja a cabeça acima deles, ou o próprio mundo como o titã Atlas, mas devemos saber tudo pousar, até a cabeça, sobre o colo da quietude, da contemplação, da realização, ..., e esse por vezes é o acto mais difícil.

² Açoriano Oriental. 25 novembro, 2011. 20.

SLMA: Valter Hugo Mãe considera-o um escritor “cénico, performático, esdrúxulo, temperamental, mas sem arrogância”³. Revê-se nas palavras do escritor?

JPP: São palavras enormes de uma pessoa enorme e, portanto, apenas posso dizer que sim. Sei-me esdrúxulo, pois a palavra grudou desde então, e faz-me sempre sentido na contemplação narcísica no Estige. De resto, admiro o Valter Hugo Mãe imensamente, e tenho-lhe uma amizade com a mesma medida, ou mesmo desmedida; devolvo-lhe, inclusive, palavras semelhantes para a sua descrição, e isso deixa-me feliz.

SLMA: Luis António de Assis Brasil escreveu que o João Pedro fala “como um escritor que vai à raiz do humano”. Como se processam em si, escritor, e em si, João Pedro Porto, as viagens que Assis Brasil denuncia?

JPP: Assis Brasil é-me uma grande referência, pois preenche ambos os critérios de grande escritor e grande pessoa. Dêem-lhe esta folha que, sobre qualquer coisa que escreva, eu por baixo assinarei, mesmo que elogiosa como a que citou, não terei outra escolha senão subscrever. Dito isto, não sei se a acção será a de ir à raiz ou a de ser alimentado por ela; afinal é essa a função das raízes, e quando nos privamos dessa nutrição, é apenas natural que definhemos. Somos humanos, logo a nossa raiz é a de humanidade, e não somos uma espécie que pegue de galho ou enxertia, temos de cuidar do solo, com a sombra de uma grave penalização se não o fizermos. Tento não me limitar à análise do humano, mas se considerarmos que qualquer outra análise ou visão será feita por olhos humanos, essa acabará por dizer muito sobre quem olha. No fundo, projectamo-nos em tudo. As coisas invadem-nos e nós invadimo-las. Por isso o humano, tal como o concebemos e percebemos, está em tudo. Mas sem querer abandonar de todo o verbo “viajar”, esse é um dos temas que mais me é recorrente. Não como literal, mas naquele sentido da viagem evolutiva, do arco que nós como personagens desta grande peça temos de ter. Devemo-lo, não a um confabulado escritor divino, mas à própria peça, ao próprio verbo “actuar” e, por fim, devemo-lo a nós mesmos: um arco evolutivo, uma viagem.

³ *Ípsilon*. 1 de junho, 2014.

SLMA: Que podemos esperar para breve?

JPP: Espero poder adicionar mais uns quantos livros a essa década antes de acabar, ou pelo menos logo a seguir a isso. Estão no prelo vários escritos: um novo romance, um segundo livro de poesia, múltiplos contos, e talvez uma peça. Sei que muitos contos serão tornados capítulos, a peça integrará possivelmente o romance, e os poemas serão soluções que não quero fazer parar, nem com a colher de açúcar nem a suster a respiração.

OBRAS PUBLICADAS

- O Rochedo Que Chorou* (romance), Publiçor, 2011.
O Segundo Minuto (romance), Letras Lavadas, 2012.
O Homem Da Mansarda (conto), Seixo Publishers, 2014.
Porta Azul Para Macau (romance), Letras Lavadas, 2014.
A Brecha (romance), Quetzal, 2017.
Fruta do Chão/Fruta del Suelo (contos), trad. de Blanca Martin-Calero, Letras Lavadas, 2018.
Contos Bizarros/Odd Tales (contos), trad. de João Pedro Porto, Letras Lavadas, 2019.
Pássaros de Poente (poesia), Letras Lavadas, 2020.
Alienação (romance), Letras Lavadas, 2020.

Recebido em 25 de abril de 2021

Aprovado em 18 de novembro de 2021

Susana L. M. Antunes

Professor Assistente na Universidade de Wisconsin, Milwaukee, EUA. Doutora em Literatura Portuguesa, Brasileira e Africana de Expressão Portuguesa pela Universidade de Massachusetts Amherst, EUA.

Contato: antunes@uwm.edu

 <https://orcid.org/0000-0003-2681-2173>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – [Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.